

# MULHER NEGRA E REPRESENTAÇÃO DE MEMÓRIAS NO ROMANCE *REYITA SENCILLAMENTE: TESTIMONIO DE UNA NEGRA CUBANA NONAGENARIA* (1997), DA ESCRITORA AFRO-CUBANA DAYSI RUBIERA CASTILLO

BLACK WOMAN AND MEMORIES REPRESENTATION IN THE NOVEL *REYITA SENCILLAMENTE: TESTIMONIO DE UNA NEGRA CUBANA NONAGENARIA* (1997), BY THE AFRO-CUBAN WRITER DAYSI RUBIERA CASTILLO

Josenildes da Conceição Freitas<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, interessa-me analisar os modos de representação da mulher negra nas memórias de resistências afro-diaspóricas reconstruídas através da voz da personagem protagonista do romance afro-hispano-americano de autoria feminina *Reyita sencillamente: testimonio de una negra cubana nonagenaria* (1997) da escritora afro-cubana Daysi Rubiera Castillo. Pretendo aqui priorizar memórias associadas à resistência da mulher africana e afrodescendente, considerando estratégias discursivas que exploram “sentidos diferentes, apresentações diversificadas de signos” (SOUZA, 2019, p. 48) e abrem novas possibilidades de se representar a mulher negra. Para tratar de representação afro-feminina na América Latina, e mais precisamente em Cuba, retomo discussões das intelectuais pesquisadoras afro-brasileiras Florentina Souza (2019) e Lélia Gonzalez (2011), bem como das intelectuais pesquisadoras afro-cubanas Aymée Rivera (2012) e Daysi Rubiera (2011). Acrescento a essas discussões abordagens das intelectuais e pesquisadoras afro-americanas bell hooks (2019) e Patrícia Collins (2019) sobre imagem e autodefinição da mulher negra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação. Mulher negra. Memórias. Resistências negras. Literatura afro-cubana.

---

<sup>1</sup> Mestra em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo – Brasil. Doutoranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia – Brasil. Professora Assistente na Universidade Federal da Bahia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1194-9310>. E-mail: [jdcfreitas@ufba.br](mailto:jdcfreitas@ufba.br).

**ABSTRACT:** In this article I analyze the representation forms of the Black woman in the Afro-Diasporic resistance memories reconstructed through the voice of the protagonist character of the Female Afro-Hispanic-American novel *Reyita sencillamente: testimonio de una negra cubana nonagenaria* (1997) by the Afro-Cuban writer Daysi Rubiera Castillo. I intend to prioritize memories associated with the resistance of African and Afro-descendant woman, considering discursive strategies that explore “different meanings, diversified presentations of signs” (SOUZA, 2019, p. 48) and open up new possibilities to represent Black woman. To address Afro-female representation in Latin America, and more precisely in Cuba, I return to discussions by intellectual Afro-Brazilian researchers Florentina Souza (2019) and Lélia Gonzalez (2011), as well as by Afro-Cuban intellectual researchers Aymée Rivera (2012) and Daysi Rubiera (2011). I add to these discussions approaches by African-American intellectuals and researchers bell hooks (2019) and Patrícia Collins (2019) on the image and self-definition of Black woman.

**KEYWORDS:** Representation. Black woman. Memories. Black resistances. Afro-Cuban Literature.

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura e análise do romance *Reyita sencillamente: testimonio de una negra cubana nonagenaria* (1997) nos permite constatar em seu discurso narrativo certa preocupação em se inscrever a ativa participação afro-feminina nas memórias de resistências negras da diáspora. Nesse discurso, situações evocadas pela memória terminam por ressaltar atributos que incidem nos modos de representação da mulher negra.

Na literatura cubana, o romance dá continuidade à narrativa de testemunho representada por obras como *Biografía de un cimarrón* (1967) de Miguel Barnet. Entretanto, a obra de Rubiera Castillo<sup>2</sup> inaugura na produção literária do país a narrativa de testemunho a partir da voz da mulher negra protagonista da trama. O livro *Reyita sencillamente* foi publicado em 1997, época em que as questões raciais passaram a receber da crítica literária uma maior atenção, que, a partir da década de 80, substitui paulatinamente o

---

<sup>2</sup> Daysi Rubiera Castillo é uma historiadora afro-cubana. É fundadora do Centro Cultural Africano Fernando Ortiz, situado na cidade de Santiago de Cuba, e umas das fundadoras do diretório Afro-cubanas. Grande debatedora do afro-feminismo em Cuba, a escritora publicou, juntamente com a teatraloga Inés María Martiatu Terry, a obra *Afrocubanas: historia, pensamiento y prácticas culturales* (2011). Em 2016 a autora também publicou com a escritora Oilda Hevia a obra *Emergiendo del silencio: mujeres negras en la historia de Cuba*.

tratamento superficial relegado à temática étnico-racial na ilha, de acordo com os escritores afro-cubanos Aymée Rivera (2012) e Roberto Zurbano (2006).

Ainda assim, a obra de Daysi Rubiera, publicada em espanhol, inglês e alemão, não recebeu em Cuba a mesma atenção que obteve em outros países. E de acordo com a crítica literária Aymée Rivera, na ilha “*los debates en torno al libro tienden a ignorar las cuestiones de raza*” (RIVERA, 2012, p. 249). Além de Rivera, o escritor Roberto Zurbano (2006) identifica na recepção crítica literária cubana certo desinteresse pela problemática racial, bem como a necessidade de maior reconhecimento da atuação negra na historiografia nacional e da representatividade afro-cubana na literatura do país; o que, como defendo nesta abordagem, requer mais precisamente uma maior inserção das mulheres negras nesse campo.

A constatação de Rivera ressoa no texto “Memórias afro-latinas” da intelectual e pesquisadora Florentina Souza (2019). A escritora afro-brasileira denuncia que nas discussões sobre o continente latino-americano se tornou “uma espécie de regra geral” o silenciamento referente à participação ativa de “africanos e afrodescendentes, juntamente com os ameríndios” na produção de riqueza e “criação do que se conhece hoje como América” (SOUZA, 2019, p. 36). A escritora acrescenta que “[m]esmo depois de abolida a escravização na América Latina, perduram imagens e conceitos que aprisionam os afrodescendentes em lugares destinados à subalternização” (p. 38) e coincide com ideias defendidas pela filósofa Sueli Carneiro (2011) e a antropóloga Lélia González (2011) ao reconhecer que essas imagens incidem com maior força sobre as mulheres.

Antes de dar início ao estudo analítico propriamente dito, retomo discussões de Stuart Hall referentes ao ato de representar que considero pertinentes para o desenvolvimento do trabalho proposto. De acordo com Stuart Hall (2016), “[o] significado ‘flutua’. Não há como mantê-lo fixo”. Para o

escritor caribenho, “a tentativa de ‘fixação’ é o trabalho de uma prática representacional que intervém nos vários significados potenciais de uma imagem e tenta privilegiar um deles” (HALL,2016, p. 143). Entretanto, Hall aponta em diferentes formas discursivas manifestas nas artes e nas mídias práticas representacionais racializadas que visam fixar significados sobre negras/negros, objetivo último das “estratégias de estereotipagem” (p. 211) utilizadas para defini-las/los.

Embora para o autor “a tentativa de desmontar ou subverter um regime racializado de representação” constitua um grande desafio “para o qual não existem garantias absolutas”, acredito que tal iniciativa é válida (p. 223). No caso das mulheres negras latino-americanas, o desmonte do discurso racializado e sexualizado do patriarcado branco dominante, que define os modos como somos representadas, impõe-se como indispensável e urgente para o enfrentamento de práticas racistas e sexistas que continuam a nos excluir dos espaços de decisão nas sociedades latino-americanas onde vivemos (GONZÁLEZ, 2011, p. 18), além de legitimar violências exercidas contra nós, nosso extermínio.

Como já disse Lélia Gonzalez, “nós mulheres e não-brancas fomos ‘faladas’, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação” (GONZÁLEZ, 2011, p. 14). Desse modo, vejo na narrativa em análise a construção de um contradiscurso anticolonial que, ao mesmo tempo que se preocupa em resgatar memórias alternativas à oficial, relatadas por sujeitos tradicionalmente subalternizados africanos e afrodescendentes, privilegia outras possibilidades de representação da mulher negra, as quais são (re)criadas por esta. Esse contradiscurso inscreve a participação ativa da mulher negra na história da nação cubana, bem como em sua narrativa memorialística. Desde as últimas décadas do século XX, nos discursos literários da nação um conjunto de produções e/ou iniciativas de intelectuais afro-cubanas, como as poetas Nancy Morejón e Georgina Herrera, a teatróloga

Inés Maria Martiatu Terry, a romancista Teresa Cárdenas, e tantas outras, têm cobrado visibilidade. Assim, a obra em análise insurge em um ambiente marcado pelo crescente interesse em relação aos estudos sobre subalternidade no país, pelos movimentos em prol da representação de negras e negros como sujeitos nas artes, na literatura, e em favor da representatividade da mulher negra no mercado cultural, na produção literária.

Identifico, no romance, representações da diáspora africana que associa a resistências negras contra a opressão racial herdada da escravidão. Essas representações podem ser apreendidas nos modos em que um conjunto de elementos, como imagens, práticas, gestos ou atitudes, situações, hábitos e falares, entendidos por Nora (1993) como lugares de perpetuação da memória, são explorados no discurso narrativo de forma a reiterar memórias coletivas de resistências afro-latinas. Sobre essa memória Florentina Souza afirma:

[...] as memórias dos afro-latinos se conservaram nas várias reconfigurações identitárias que os povos africanos foram obrigados a realizar para garantir sua existência enquanto seres humanos. Daí a grande importância dos atos de rememoração e de reconfiguração identitária que encontramos nas várias expressões artísticas, nos estudos de cultura e na literatura em particular. Sentidos diferentes, apresentações diversificadas de signos, simplificação ou ampliação de rituais, misturas obrigatórias, consentidas ou mesmo buscadas dão o tom dos movimentos da memória subterrânea para se fazer ouvir. Uma memória que se faz no embate com a tradição chamada europeia e com as vivências diferentes dos grupos aqui postos em contato (SOUZA, 2019, p. 48).

Considerando o importante papel da literatura na (re)elaboração ou reescrita da memória, o que é sinalizado na afirmação da pesquisadora, entendo que a obra de Daysi Rubiera se insere num conjunto de produções do continente que reivindicam na narrativa de testemunho o revisionismo historiográfico. Essa narrativa investe em outros signos e sentidos que nos permitem vislumbrar outras perspectivas de representação das coletividades afro-latino-

americanas e especialmente da mulher negra, que no romance fala por si mesma.

Reconheço na personagem *Reyita* uma identidade coletiva. Neste caso, a coletividade negra cubana, cuja participação “en el quehacer histórico nacional” foi eliminada ou subvalorizada pela historiografia nacional, de acordo com Aymée Rivera (2012, p. 103). Entretanto, a pesquisadora reconhece que a identidade de María de los Reyes “también está marcada por la especificidad racial que privilegia la experiencia de ser una mujer negra” (p. 249).

## 2 MULHER NEGRA E MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIAS

*Reyita*, cujo nome de batismo é María de los Reyes Rubiera Castillo, é uma personagem real. É mãe da historiadora Daysi Rubiera Castillo, quem organiza seus relatos de vida e os publica no romance em análise. A voz da afrodescendente cubana, neta de escravizados e nascida em 1902, alude à Cuba do início do século XX, período pouco posterior à abolição da escravatura, ocorrida na ilha em 1886. O território recém-independente da colônia espanhola se encontrava em tumultuada relação com os Estados Unidos, cuja intervenção no país ameaçava o projeto de nação cubano, de se firmar como Estado republicano, ideal alcançado com a Revolução Cubana, que só ocorreria em 1959.

Na voz de *Reyita* a memória de resistência dos escravizados ao sistema escravagista é resgatada desde a reconstituição do momento de captura dos africanos em seu continente. Sobre esse momento a protagonista descreve:

En un atardecer, cuando la familia estaba en su casa después de haber terminado el trabajo en el campo y los niños jugaban, de pronto sintieron explosiones, gritos. Era que un grupo de hombres blancos, con armas de fuego, atacaba la aldea, quemaba las casas y cogía a hombres y mujeres, mataba a niños y ancianos. Aquello fue

una terrible carnicería. Mi bisabuela vio desaparecer a su hijo y a su marido; a las hembras trató de defenderlas como pudo, pero la golpearon y le llevaron a las tres mayores: Tatica, Casilda y Nestora. Mi abuela nunca olvidaría los gritos de su madre, [...]. Después de tanto horror, vino la larga caminata hasta el vapor –como ella decía–, lo que no logró determinar qué tiempo duró. Los amarraron unos a los otros, para que no pudieran escapar. Ella iba unida a Casilda; Nestora, un poco más atrás. En el camino les daban muchos golpes si caían por el cansancio o por la sed. El barco en que las sacaron de África estaba atestado de hombres, mujeres y hasta niños; esos eran los menos... Ella decía que fueron algunos que los blancos no pudieron arrancarles de los brazos a sus madres. Como venía tan lleno, se presentaron dificultades que Tatica no sabía cuáles eran, pero comenzaron a tirar hombres al agua, fundamentalmente a los más viejos, a los más endebles (RUBIERA CASTILLO, 2009, p. 17-18).

Como constatamos no fragmento anterior e ao longo do romance, os relatos de *Reyita* sobre a escravidão negra em Cuba também se constroem pela recordação de eventos narrados pela sua avó africana Antonina, apelidada de *Tatica*. Neles enfatizamos atitudes que denotam insubordinação dos africanos ao sistema escravagista, como a resistência ao aprisionamento, bem como a defesa e proteção da prole, as quais na cena retratada acima poderiam ser plasmadas na figura da bisavó da protagonista.

A representação da mulher negra se constrói por meio de imagens alternativas às recorrentes que a associam à luxúria, lascívia, ignorância, bestialidade ou incapacidade intelectual. Entendidas por Patrícia Collins como “imagens de controle”, estas foram criadas e/ou fornecidas pelo “patriarcado branco” ante a ameaça que o comportamento da mulher negra impunha ao *status quo* (COLLINS, 2016, p. 104) e ainda para justificar as atrocidades cometidas contra as escravizadas (HOOKS, 1995).

Daysi Rubiera Castillo, ao discutir sobre a representação da mulher negra no imaginário social cubano contemporâneo em seu artigo “Apuntes sobre la mujer negra cubana” (2011), salienta que “[m]uchas de las imágenes raciales que se presentan como reminiscencias del pasado subsisten en Cuba”, estão presentes na fala popular da ilha, são veiculadas em letras de canções,

piadas e novelas propagadas por meios de difusão como a televisão (RUBIERA CASTILLO, 2011, p. 181). De forma semelhante, de acordo com Aymée Rivera (2012), essas imagens são difundidas na produção literária do país.

Desse modo, na obra *Reyita sencillamente*, o repertório imagético definido pela tradição patriarcal colonial para a mulher negra é desafiado e substituído por um conjunto de imagens (re)elaboradas “pelo ponto de vista” dessa mulher e opõe “resistência às opressões interseccionais” (COLLINS, 2019, p. 202). Daí que também identifico na obra um discurso narrativo subversivo e impulsionado pela “necessidade de as mulheres negras se autodefinirem e autoavaliarem”; aspecto que Collins (2016, p. 105) aponta nos romances historiográficos de autoria feminina afro-americana, como *A cor púrpura* de Alice Walker.

Contradizendo a ideia de passividade, subserviência e “erotismo primitivo e desenfreado” atribuída à/ao africana/o e afrodescendente pela “iconografia da cultura branca” (HOOKS, 1995, p. 469), a voz narrativa resgata da memória situações e/ou atitudes que destacam requisitos de valor dos escravizados e, ao mesmo tempo, reiteram a resistência da mulher negra, como podemos verificar no seguinte momento do relato:

Los Hechavarría también compraron otros africanos, en total eran como quince o veinte en la finca. Entre ellos había uno joven y fuerte, que no era de la aldea de mi abuela. Se llamaba Basilio, y Tatica y él se enamoraron.

Vivieron juntos a escondidas, para que los amos no se enteraran. Aunque mi abuela no quería tener hijos –y para evitarlo tomaba cocimientos de hierbas y raíces– salió embarazada y tuvo una hija a la que puso Socorro y que tuvo que trabajar muy duro desde muy pequeña. Después nació mi mamá, que tuvo que laborar como una esclava en los quehaceres de la casa de los amos, aunque eso fue después de la ley de vientres libres. Mi mamá no era hija de Basilio, sino de uno de los amos de mi abuela. Las esclavas no se podían revirar cuando los amos deseaban aprovecharse de ellas. Eso costaba cuero y cepo. Eso era una inmoralidad de aquellos hombres: para una cosa las despreciaban, pero para vivir con ellas no les importaba el color (RUBIERA CASTILLO, 2009, p. 19).



Neste último fragmento, a autora deixa entrever que a insubordinação dos escravizados ante aquele sistema se reafirma tanto no fato de a avó de *Reyita* e Basílio manterem uma relação marital às escondidas do senhor de engenho, quanto na recusa de *Tatica*, ou da mulher escravizada, em ter filhos, em contribuir para a manutenção do trabalho escravo. Reside ainda na recusa desta em ter relações sexuais com seus senhores, o que contradiz a ideia de “disponibilidade sexual e licenciosidade” (HOOKS, 2019, p. 136) mais veementemente associada às negras. Como recorda Luciana Prates (2015, p. 7), a mulher negra foi vista como “centro vital’ para a reprodução daquele sistema opressor, para “asegurar la existencia de mano de obra suficiente para las necesidades de las haciendas azucareras”. Portanto, o manuseio e/ou ingestão de ervas e raízes abortivas por parte dessa mulher ante uma possível gravidez indesejada, numa época em que os estupros de negras pelos seus senhores eram muito comuns e contribuía para o aumento da população de escravizados, figura aqui como uma estratégia subversiva.

No romance, o direito à satisfação pessoal, ao afeto, à alegria e inclusive ao prazer sexual, negados pela tradição discursiva patriarcal branca, são usufruídos pela mulher negra. Tanto *Tatica*, mulher africana, como *Reyita*, mulher afrodescendente, vivem uma relação marital estável na trama. Esta última é consciente da exclusão que a sociedade lhe impunha como mulher negra, e mais ainda por ser casada com um homem branco, em quem reconhecia condutas racistas/machistas. Em Rubiera, seu marido, em quem buscava o perfil de chefe de família idealizado pela maioria, inclusive por sua mãe, e a garantia da contribuição com o sustento do lar, isto é, “con casa, comida, médicos y medicina” (RUBIERA CASTILLO, 2009, p. 85), *Reyita* não encontra o amor esperado. No entanto, apesar das limitações impostas a ela por condicionantes de gênero e raça, *Reyita* e Antonio Rubiera, pai de seus filhos,

vivem juntos até a morte deste. Em momentos do relato, a personagem dá mostras de ter desfrutado de uma vida sexual ativa e regular nos primeiros anos de casada e chega a recordar com bom humor ocasiões como a descrita abaixo:

Yo quería casarme como Dios mandaba, y le puse esa condición: «Si tú quieres que yo sea tu mujer, te tienes que casar conmigo». Durante el corto tiempo que duraron nuestras relaciones aprendí a quererlo. A veces pienso que fue un amor por agradecimiento, pero lo quise; él me complació y se casó conmigo.

¿Que cómo fue nuestra vida amorosa? La normal entre una pareja que se quería. Él acostumbraba, cuando venía del trabajo, a silbarme cuando estaba llegando a la casa, y yo lo esperaba en la puerta, limpiecita, perfumada. Nos abrazábamos y nos besábamos. Siempre fue así en los primeros diez o quince años de nuestro matrimonio. Te dije que yo era muy romántica, que había leído muchas novelas de amor y me gustaba que él fuera audaz en las relaciones sexuales.

Al principio él quería hacer el amor con la lámpara encendida. [...] Otra de sus luchas fue verme desnuda. Le dio un poco de trabajo, pero lo logró, y luego... hasta nos bañábamos juntos, ¡llegamos a hacer el amor en el baño!

Tampoco te voy a negar que eso me gustaba. Bueno, fuimos cogiendo una confianza tal que hasta en el camión –cuando íbamos a la playa– tuvimos relaciones sexuales [...]; ¡Ay, muchacha!, je, je, je. A mí me gustaban mucho los lazos. Siempre me los ponía, y en aquellas locuras amorosas me los puse en el pelo ¡no sólo de la cabeza...! (RUBIERA CASTILLO, 2009, p.162).

Na cena acima, constatamos certo envolvimento afetivo entre os cônjuges *Reyita* e *Rubiera*, especialmente no início do casamento. Aqui, ao invés de explorar a representação de mulher negra altamente sexualizada, como dona de um apetite sexual desenfreado, penso que o discurso narrativo investe na imagem de uma mulher que, como qualquer outra, tem desejos sexuais e se permite satisfazê-los. A protagonista do romance assume os próprios desejos sexuais e desfruta o prazer descoberto ou experimentado no período matrimonial de maior entusiasmo entre os amantes, assim como a sensação de bem estar que ele provoca.

## 2.1 Mulher negra: herança ancestral e autodefinição

Retomando comentários anteriores referentes à avó, é importante ressaltar que no romance a reconstituição da memória é intermediada pela recordação dos relatos dessa familiar falecida. *Tatica* aparece como uma ancestral que reforça a conexão de *Reyita* com a África, seus costumes e tradições, e contribui para que esta os reconheça como próprios.

Sobre a avó a protagonista comenta: “*Tatica contaba que su familia era de una aldea de un lugar llamado Cabinda, que eran de los Quicongos que se dedicaban al cultivo de la mandioca y el café*”. Sobre sua ascendência genealógica ela ainda acrescenta: “*Mi bisabuela materna se llamaba Sabina y tenía siete hijos: seis hembras y un varón*” (RUBIERA CASTILLO, 2009, p. 17).

A figura de *Tatica* aparece estreitamente associada à África, como veremos na seguinte descrição:

A mi abuela siempre la vi con gran celo con su cadena de oro, aunque también usaba unos collares de colores, que después supe que eran de la religión que profesaba. A *Tatica* no le gustaba el catolicismo; era muy supersticiosa y creía en la resurrección después de la muerte. Recuerdo las cosas que contaba sobre los africanos que vivían fuera de su país. Decía que sus espíritus regresaban a sus tierras después de muertos. Yo no pude verla a ella muerta, porque no vivía en La Maya, pero recuerdo cuando la noticia llegó a Banes. ¡Lloré mucho! Pero cuando me calmé y cerré los ojos me pareció verla alzarse al cielo y volar entre las nubes, rumbo a su tierra natal, hacía su África querida, a la que nunca olvidó y a la que aprendí a querer por todas las historias que nos hacía (RUBIERA CASTILLO, 2009, p. 20 ).

*Tatica* é a *griot* que preserva e transmite a herança ancestral africana. Em sua imagem se condensam valores como sabedoria, resistência, alegria e afetividade, os quais terminam por alçá-la a um lugar de referência para a neta, oprimida pelo racismo. Sua figura incide no processo de autodefinição de *Reyita* como mulher negra, na tomada de consciência em relação à sua condição, à exclusão que sofria naquela sociedade, dentro da família, e da parte da própria

mãe, por ser a filha de pele mais retinta, como relembra a personagem: “*Para mi mamá fue una desgracia que yo fuera–de sus cuatro hijas– la única negra*” (RUBIERA CASTILLO, 2009, p. 13).

Ao destacar a conexão da personagem com a avó africana, considero importante retomar aqui discussões da estudiosa Patrícia Hill Collins (2019) sobre o processo de autodefinição das mulheres afro-americanas. Como podemos constatar em *Reyita*, a constituição do “eu” se dá “no contexto da família e da comunidade” (COLLINS, 2019, p. 204). A conexão entre a mulher negra e indivíduos desses contextos lhe proporciona “autodefinições mais profundas e significativas”(p.205).

O contato de María de los Reyes com familiares e membros de sua comunidade, principalmente com mulheres negras, não apenas amplia sua percepção do racismo interseccional naturalizado naquela sociedade, mas também lhe impulsiona a intervir contra este, apesar das precariedades e limitações que lhe são impostas. Contribui ainda para que a personagem tenha uma percepção mais autônoma, ou mais independente, como propõe Collins (p.203), da condição da mulher negra em seu país, de sua própria mãe. Sobre esta última *Reyita* dirá: “*Durante mucho tiempo yo no la comprendí, pero después de vieja me di cuenta de que mi pobre madre fue una víctima de la desgracia que sufrimos los negros, tanto en los siglos pasados, como en este*” (RUBIERA CASTILLO, 1997, p. 27).

## 2.2 Mulher negra e agenciamento negro

A memória ancestral evocada por *Tatica*, um ente familiar, incide no interesse de *Reyita* pela África, pela comunidade afrodescendente do seu entorno, encorajando-a participar, quando ainda era adolescente, de movimentos negros cubanos de então e a aproximar-se de mulheres atuantes, como a ativista miss Molly, como lemos abaixo:

Ese amor que mi abuelita me inculcó por su tierra natal influyó mucho en mi determinación de incorporarme al movimiento de Marcus Garvey –para irme para África–, cansada de ser discriminada por negra. En Cueto yo me colaba en la casa de Molvaina Grand, miss Molly, en unas reuniones que ella y su esposo, Charles Clark, daban los domingos (RUBIERA CASTILLO, 2009, p. 20).

No fragmento anterior, a voz de *Reyita* alude a resistências negras do Caribe que repercutiram na América Latina e ainda nos Estados Unidos no início do século XX. Remete às ações do movimento fundado pelo casal ativista afro-jamaicano Marcus Garvey e Amy Ashwood Garvey em prol da melhoria das comunidades afrodescendentes, as “*muchas actividades en la Asociación Unida para el Mejoramiento de los Negros (UNIA)*”<sup>3</sup> (RUBIERA CASTILLO, 2011, p. 180). Recorda a longa trajetória de participação política de mulheres negras em Cuba e sua adesão ao movimento dos Garvey, como destaca a autora do romance, Daysi Rubiera (2011, p. 177). Ao listar vários nomes representativos da atuação feminina no ambiente político-social da época referida, a historiadora afro-cubana menciona o nome de María de los Reyes Castillo, sua mãe (p. 180).

*Reyita* recorda o empenho que dedica à Revolução liderada por Fidel Castro, contribuindo para seu *Comité de Defensa “en la recogida de palas, picos y machetes”*, ofertando um curso de primeiros auxílios para o enfrentamento dos combates e também no programa de alfabetização promovido pelo governo vitorioso (RUBIERA CASTILLO, 2009, p. 110). Motivadas pela promessa de maior equidade racial e social, a qual não se cumpriu no país, apesar da vitória de Fidel Castro em 1959, várias outras mulheres afro-cubanas, assim como ela, fizeram parte do movimento de apoio da população negra àquelas lutas.

---

<sup>3</sup> A *Universal Negro Improvement Association*, também conhecida como Associação Universal para o Progresso Negro (AUPN) teve filiais em diferentes países da América Latina e também nos Estados Unidos.

Muito antes de aderir ao movimento, aos quinze anos, María de los Reyes começa a dar aulas em Báguanos. Ciente do pouco conhecimento de que dispõe, ela estuda seus livros à noite e ensina durante o dia. Termina obtendo o respeito de pais e alunos da “*escuelita*”, de onde consegue algum dinheiro para o próprio sustento; o que lhe incentiva a exercer a função de “*maestra del pueblo*” em momentos posteriores, para prover a família.

Através da personagem, o discurso narrativo nos permite evocar a contribuição, desde o século XIX, de “*esclavas liberadas, con algún conocimiento*” na educação das classes populares, sua atuação nas “*escuelas de barrio*” ou “*escuelas amigas*”, no ensino de “*niños y niñas de su mismo color de piel*” (RUBIERA CASTILLO, 2011, p. 178). Como também lembra a intelectual afro-brasileira Lélia González, “foi dentro da comunidade escravizada que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular de liberação” (GONZÁLEZ, 2011, p. 18).

De forma semelhante à ocorrida em Cuba, em outros países da diáspora, como o Brasil, mulheres negras, “a exemplo de Maria Firmina dos Reis no Maranhão”, embora em grupos reduzidos, atuaram na referida época em escolas primárias como professoras de um contingente significativo de crianças negras e na educação de jovens e adultos, como salienta Florentina Souza. Para a escritora, tal fato “pode indicar que as pessoas negras buscavam a educação para atuar como agentes nas sociedades em que viviam” (SOUZA, 2019, p. 202).

Vejo em *Reyita* a perspectiva de agenciamento negro apontada pela intelectual afro-brasileira. Seus esforços, ainda quando jovem, para aprender a ler e escrever, assim como para investir na educação dos filhos, depois de casada, mesmo sem contar com a colaboração do marido, evocam diligências negras, especialmente de mulheres, em favor da criação de possibilidades de maior inserção e intervenção do negro naquela sociedade que lhe privava o acesso a bens materiais e culturais.

Apesar do ambiente de precariedade em que vivia, María de los Reyes queria “*ser algo en la vida*” e por isso se dispõe a acompanhar as aulas ministradas por um professor particular à filha de sua prima, enquanto trabalhava passando roupa na casa desta. Sobre esse momento ela recorda: “*Como yo tenía tantas ansias de aprender y de ser algo en la vida, ponía la tabla de planchar cerca de donde le daban las clases*” (RUBIERA CASTILLO, 2009, p. 53). Convencido da capacidade de María de los Reyes dar continuidade aos estudos, o professor lhe ajuda a ser aprovada no exame de ingresso no Instituto, pois, segundo ela, admitia ser “*una lástima que una persona tan inteligente no pudiera estudiar*” (p. 54).

Embora tenha sido aprovada no exame, *Reyita* não consegue ingressar na escola por motivos étnico-raciais e de classe. No entanto, a aprovação no exame constitui uma experiência ímpar em sua existência e, na narrativa, põe em relevo a capacidade intelectual da mulher negra, comumente representada pela tradição discursiva patriarcal branca como um “corpo sem mente” (HOOKS, 1995, p 469).

O acesso à instrução contribui para incentivar o envolvimento da personagem em causas comunitárias, incide em seu interesse em conseguir independência financeira e lutar pela emancipação dos filhos, ao mesmo tempo em que lhe encoraja a empreender pequenos negócios em sua própria casa:

[...] sentía la necesidad de ser una persona independiente y me dediqué a trabajar –algo que siempre me gustó– para ganar lo mío, no depender de nadie, lo que significaba ser libre: la independencia económica es la única manera de ser libre. Como yo no era una persona que se pudiera ganar la vida en una oficina o en un trabajo que no fuera de sirvienta –y yo, eso no lo iba a hacer–, siempre inventé algún trabajo que pudiera realizar en mi casa.

Comencé por poner un tren de cantinas. El hijo del dueño del Expreso Velar se casó con una mujer que no sabía cocinar; él me propuso que le hiciera la comida, ella la encontraba tan sabrosa, que decía que cocinaba muy bien; me fue haciendo la propaganda. La gente iba a mi casa, y así, y así, fui adquiriendo clientes: maestras, trabajadoras de

oficinas y, sobre todo, prostitutas. Llegué a tener veintiuna cantinas; las compraba a plazos, las pagaba poco a poco, en la medida en que progresaba el negocio. Tu papá, que siempre me había dado una mínima cantidad de dinero para los gastos diarios, cuando puse el tren de cantinas me la suspendió (RUBIERA CASTILLO, 2009, p.133).

O conhecimento agrega à autoestima da personagem e lhe dá autoconfiança para recusar trabalhos que não lhe interessavam, como o de “sirvienta”. Contribui para que ela se lance ao desafio de se tornar empreendedora e termine assumindo o posto de provedora do lar. Contribui também para a satisfação pessoal, para que esta se sinta realizada com seus feitos ao longo da vida:

Fui una mujer muy pobre, pero siempre traté, en medio de aquella pobreza, de propiciarles a ustedes alegría y felicidad. Pero no creas, yo también me procuré alguno de esos momentos para mí.

De niña, como no tenía juguetes, yo me fabricaba mis muñecas – como ya te expliqué– y era feliz, muy feliz cuando les hacía su ropita, cuando les peinaba su pelo de pelusa de maíz, cuando conversaba con ellas. Lo fui cuando era maestra, allá en Báguanos. Esa felicidad me la dio mi trabajo. A pesar de todo lo que luché –aunque no lo pude materializar– para ingresar en el Instituto, entonces también lo fui, porque comprendí que yo era inteligente y podía (RUBIERA CASTILLO, 2009, p.133).

Como lemos no fragmento anterior, em vários momentos da narrativa a personagem se reafirma como uma mulher negra alegre, diligente, laboriosa, afetuosa e inteligente que intervém positivamente para o próprio bem estar e para o bem estar e emancipação de sua família, de sua comunidade. Em sua representação se projetam imagens de mulheres que, embora constituíssem a categoria mais excluída da sociedade cubana da época, encontram na educação um dos “mecanismos de supervivencia” (RUBIERA CASTILLO, 2011, p. 177) e para intervir proativamente contra estruturas racistas.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa apresentada oportuniza ao leitor o conhecimento sobre resistências afro-diaspóricas em Cuba e, ao mesmo tempo, aciona imagens do acervo memorial coletivo afro-cubano que evocam a atuação comprometida do contingente de mulheres negras em diáspora na historiografia cubana e latino-americana. Tais imagens exploram valores como insubordinação, sabedoria, proteção, proatividade, autonomia, coragem, e afetividade, os quais desenhavam promissoras possibilidades de representação da mulher negra. Na construção dessa narrativa, noto também certo investimento no sentido de restituir a essa mulher o direito à satisfação pessoal e ao prazer sexual, bem como o de definir sua própria sexualidade.

Na obra, a atitude de autodefinir-se ou autorrepresentar-se da mulher negra permite questionar, como propõe Patrícia Collins, não somente o que se diz sobre nós, “mas a credibilidade e as intenções daqueles que têm o poder de definir” (COLLINS, 2019, p. 206). A inclusão, no romance, de um arquivo documental (com fotos da personagem, sua família, seu registro de nascimento, certificado de batismo etc), já reforça no discurso narrativo um intuito de se confrontar representações presentes na tradição discursiva legitimada pela memória oficial.

O relato apresentado no livro nos permite atentar para sujeitos cuja subalternidade é marcada pela sua condição étnico-racial, de gênero e de classe e propõe uma reflexão sobre a diáspora a partir da confrontação entre relatos do sujeito feminino tradicionalmente subalternizado africano/afrodescendente e relatos instituídos.

A (re)elaboração da memória a partir da voz da personagem protagonista *Reyita* revitaliza memórias ignoradas, distorcidas ou solapadas pela memória dominante, como a das lutas e resistências negras travadas desde o saqueamento, extermínio e extração de africanos perpetrados pelo sistema

escravagista. Conduz à revisão e atualização de práticas discursivas que, ao longo dos séculos, moldaram o imaginário das nações latino-americanas e ainda corroboram para legitimar noções e/ou significados construídos em detrimento das populações negras e afrodescendentes, e da mulher negra, em particular.

No romance, a mulher negra apropria-se do direito de relatar a memória e, ao mesmo tempo, inscreve a produção literária de autoria afro-feminina no panorama literário cubano, onde ainda é pouco divulgada, fornecendo outros olhares sobre a história do continente latino-americano.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* (2011). Disponível: [https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/?gclid=EAIaIQobChMIIsYnaiPap6QIVAgARCh0teAleEAAYASAAEgIcIPD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/?gclid=EAIaIQobChMIIsYnaiPap6QIVAgARCh0teAleEAAYASAAEgIcIPD_BwE) Acessado em 10/05/2020.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*. v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. In: *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, p. 179-215, 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. In: *CADERNO DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO CÍRCULO PALMARINO*, n. 1, 2011. Disponível: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod\\_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf) Acessado em 25/08/2019.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*. v. 03, n. 2. Florianópolis, 1995, p. 464-478. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035> Acessado em 09/07/2018.

HOOKS, Bell. Vendendo uma buceta quente: representações da sexualidade da mulher negra no mercado cultural. In: HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, p.129-154, 2019.

LEÓN BERMÚDEZ, Osneidy; EGÜES CRUZ, Arianna. Imagen de mujer negra en el personaje protagónico de Reyita sencillamente de Daysi Rubiera Castillo. In: CONVENCIÓN CIENTÍFICA INTERNACIONAL, 2, 2019, Cayos de Villa Clara. *Ponencia...* Cayos de Villa Clara (Cuba), 2019, p. 1-14. Disponível: <http://dspace.uclv.edu.cu/bitstream/handle/123456789/11782/Plantilla-Oficial-para-la-presentaci%C3%B3n-de-ponencias.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acessado em 22/04/2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, PUC-SP, n.10, 1993. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763> Acessado em 18/02/2019.

PRATES, Luciana da Trindade. *Recreando la imagen literaria de la mujer afrodescendente en las narrativas femininas afrocubanas y afrobrasileñas contemporáneas*. 2015. 188f. Tese. (Doutorado em Filosofia) - Universidade do Tennessee. Knoxville, 2015, Disponível: [https://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4772&context=utk\\_g\\_raddiss](https://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4772&context=utk_g_raddiss) Acessado em: 22/04/2020 Acessado em 22/04/2020.

RIVERA PÉREZ, Aymée. *¡Oshun Okantonú! La imagen literaria de la mujer negra en las escritoras caribeñas*. 2012. 410f. Tesis. (Doctorado en Filología) - Universidad de Alcalá. Alcalá de Henares, 2012, Disponível: <https://www.educacion.gob.es/teseo/imprimirFicheroTesis.do?idFichero=3XmohWcHWTE%3D> Acessado em 22/04/2020.

RUBIERA CASTILLO, Daysi. *Reyita sencillamente: testimonio de una negra cubana nonagenaria*, 5. ed. La Habana: Fondo Editorial del ALBA, 2009.

RUBIERA CASTILLO, Daysi. 5. Apuntes sobre la mujer negra cubana. *Cuban Studies*, v. 42, p. 176-185, 2011.

SOUZA, Florentina. Memórias afro-latinas. In: *Olhares sobre a literatura afro-brasileira*. Salvador: Quarteto, p. 35-50, 2019.

SOUZA, Florentina. Mulher, cultura e insubmissão na diáspora. In: *Olhares sobre a literatura afro-brasileira*. Salvador: Quarteto, p.195-214, 2019.

ZURBANO, Roberto. El triángulo invisible del siglo XX cubano: raza, literatura y nación. *Temas*, n.46, p.11-123, 2006. Disponível:

[http://www.afrocubaweb.com/News/Cuba/trianguloinvisible\\_zurbano.pdf](http://www.afrocubaweb.com/News/Cuba/trianguloinvisible_zurbano.pdf)

Acessado em 22/04/2020.

Recebido em 15/05/2020.

Aceito em 30/07/2020.